



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

16152 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)  
ISSN: 2595-7945  
GT 14 - Sociologia da Educação

#### RAZÕES DE UM FRACASSO ESCOLAR ANUNCIADO

Matheus Cabral Ribeiro Correa - UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas  
Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

#### RAZÕES DE UM FRACASSO ESCOLAR ANUNCIADO

O presente resumo é resultado de uma pesquisa de mestrado na área da educação, cujo objetivo foi investigar as razões do fracasso escolar de um grupo de crianças e adolescentes do lixão de Jardim Gramacho (Duque de Caxias/RJ).

Partindo do pressuposto de que a Instituição escolar tende a reproduzir a estrutura das relações de classe, como defendeu Bourdieu e Passeron (2014), procurei compreender os condicionamentos de classe e o padrão de ação institucional, nos quais, as crianças e adolescentes de Jardim Gramacho estão submetidos em seus processos de escolarização.

Como aprofundamento conceitual na teoria de classes, basei-me nos trabalhos teóricos e empíricos do sociólogo brasileiro Jessé Souza (2018a; 2018b), que conceitua uma classe social oriunda da específica miséria brasileira, a saber: a ralé estrutural. Como uma classe de “lixos sociais” (SOUZA, 2018b), o lixão torna-se uma metáfora espontânea da posição social das pessoas que ali vivem; é um “efeito de lugar”. (BOURDIEU, 2013). As crianças e adolescentes de Jardim Gramacho, oriundos da “ralé”, tendem a desenvolver um *habitus precário* – manifestado em frágeis disposições para disciplina, autocontrole, pensamento prospectivo, capacidade de abstração e concentração, repertório linguístico dominante, destreza verbal, renúncia sexual etc. -, que anuncia o seu fracasso escolar, posto que, o padrão de ação da Instituição escolar pressupõe, de maneira dissimulada, outros tipos de *habitus*, encontrado de maneira relativa nas classes trabalhadoras (*habitus primário*) e massivamente nas classes médias (*habitus primário e secundário*).

Destaca-se que o conceito de *habitus* de Pierre Bourdieu passa por uma revisão conceitual na teoria de classes de Jessé Souza. Para este, Bourdieu privilegia uma análise contextual na teoria do *habitus*, o que levou o sociólogo brasileiro a historicizar o conceito para analisar o conflito de classes no Brasil, singularizados pela constituição da ralé estrutural. O *habitus* primário e secundário em Jessé se diferencia da noção em Bourdieu, no qual são percebidos como fruto da socialização primária familiar (*habitus* primário) e da socialização secundária para além da família (*habitus* secundário). Em Souza (2018a), há uma topografia moral no Ocidente que confere ao *habitus* uma dimensão filogenética. Com isso, o *habitus primário*, na teoria jessesiana, é a universalização para todas as classes de uma economia emocional orientada para o trabalho útil e dignificante, o que abrange as classes trabalhadoras, média e burguesas, enquanto resultado do desenvolvimento histórico-moral do Ocidente.

Uma vez aptas ao trabalho útil e a vida familiar organizada nos termos civilizatórios-ocidentais, as classes irão se diferenciar e disputar os privilégios da sociedade por meio do que o autor chamou de *habitus secundário*, que inaugura a luta por distinção social apresentada por Bourdieu (2015). Por fim, surge o conceito do *habitus*, já mencionado, que singulariza a ralé estrutural brasileira, o *habitus precário*. A desestruturação dessa classe impede os sujeitos de internalizar a economia emocional mínima, isto é, o *habitus primário*, para se tornarem produtores úteis, o que resulta na animalização dessas pessoas, percebidas como sub-gentes pelas classes sociais “acima” dela (SOUZA, 2018a).

Diante desse arcabouço teórico-conceitual fui a campo investigar esse processo no cotidiano dos sujeitos dessa classe, ou seja, no dia a dia dos moradores do lixão de Jardim Gramacho. Para tal, utilizei-me do dispositivo metodológico “Retratos Sociológicos” de Bernard Lahire (2004), com o intuito de reconstruir as experiências socializadoras, tanto em sentido diacrônico como sincrônico, que dão notícia da construção paulatina do *habitus precário* na vida individual de três crianças e dois adolescentes do contexto da pesquisa. A pesquisa empírica resultou em um material denso da vida cotidiana das pessoas de Jardim Gramacho, visto que, o metodologia exige um tratamento analítico diferenciado já exposto por Lahire (2004) e havia uma proximidade pessoal com o campo e os sujeitos, pois no momento da pesquisa o presente pesquisador atuava como educador popular de crianças e adolescentes do bairro, por meio da Organização Não-Governamental Colheita.

A escolha dos pesquisados se deu por meio da minha observação enquanto professor e do diálogo com o coordenador pedagógico e a assistente social da ONG para selecionar aqueles e aquelas próximos de um contexto de classe (familiar) da “ralé”. Realizei seis entrevistas temáticas (LAHIRE, 2004) com a mãe dos investigados e observei e interaji com os sujeitos durante o trabalho na ONG e durante a observação participante na escola municipal João Mendes frequentada pelos pesquisados. Observações participantes que duraram entre três meses e um ano, dependendo das circunstâncias de cada dinâmica familiar e da disponibilidade do pesquisador. Destaca-se que os nomes dos sujeitos e das instituições são fictícios para manter a privacidade, segurança e anonimato de todos envolvidos na pesquisa.

Notamos que os estudantes pobres, mas com origem de classe trabalhadora, o que Souza (2012) conceituou como “batalhadores”, apesar da sua submissão (in)voluntária ao arbitrário cultural pré-estabelecido (Bourdieu e Passeron, 2014), podem retirar algum proveito inventivo desse processo de escolarização, como o planejamento racional do futuro dentro dos ditames culturais, recebendo um dividendo da escola por ser um estudante “esforçado”, tanto por meio de práticas de elogios quanto pelo investimento de atenção e ensino por partes dos profissionais de educação, que parecem demonstrar uma maior solidariedade, pois apesar desses estudantes terem dificuldades, eles se esforçam e se comportam como a escola idealiza e deseja muitas vezes (habitus primário = “estudante esforçado”). Por outro lado, os estudantes com características de habitus da “ralé” (habitus precário = “estudante que não quer nada” e/ou “não há o que fazer”), muitas vezes, são entregues ao acaso porque a professora prefere “resguardar a sua saúde mental” diante de uma realidade de ensino-aprendizagem cronicamente falível.

A Escola, nestes termos, parece operar por meio de uma “falibilidade crônica” (FREITAS, 2009; 2018), em que falha no processo de disciplinarização e inculcação da cultura dominante, produzindo uma “anormalidade” no interior da Instituição, onde as crianças e adolescentes da “ralé” e os seus professores e professoras vivem o fatalismo de que “não há muito o que fazer”.

Palavras-chave: Fracasso escolar. Famílias no lixão. Ralé estrutural. Reprodução social. Retratos sociológicos.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

BOURDIEU, Pierre. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. *Estudos avançados*, v. 27, p. 133-144, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção*. Porto Alegre, RS: Zouk, 2015.

FREITAS, Lorena. A instituição do fracasso: a educação da ralé. In: SOUZA, Jessé (Org.). *A ralé brasileira: quem é e como vive*. São Paulo: contracorrente, 2018b.

FREITAS, Lorena Rodrigues Tavares de. A má-fé institucional na reprodução da desigualdade escolar no Brasil. In: *XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires*. Asociación Latinoamericana de Sociología, 2009.

LAHIRE, Bernard. *Retratos sociológicos: disposições e variações individuais*. Artmed

Editora, 2004.

SOUZA, Jessé. *Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro*. Rio de Janeiro: Leya, 2018a.

SOUZA, Jessé. *A ralé brasileira: quem é e como vive*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2018b.

SOUZA, Jessé. *Os batalhadores brasileiros: nova classe média ou nova classe trabalhadora?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.